

## **Apartheid e Questões Raciais em *Gem Squash Tokoloshe***

LUANA LIMA DE SOUSA\*

### **Resumo:**

A obra *Gem Squash Tokoloshe* da escritora sul-africana Rachel Zadok apresenta uma narrativa que se passa nas últimas décadas do apartheid, mais precisamente durante a declaração do Estado de Emergência ocorrida diante dos inúmeros protestos pelo fim do apartheid. A narrativa, que se passa num ambiente rural, coloca em meio à imaginação e à fantasia infantis questões a respeito dos acontecimentos históricos da época. O presente trabalho tem como objetivo traçar uma discussão a respeito dos aspectos da obra que tratam de questões como o apartheid, a diferença racial presente na sociedade da época e o colonialismo; considerando as diferentes relações entre grupos étnicos e os lugares de encontro possíveis em tempos de segregação. A análise da obra será feita sob a luz das teorias sobre colonialismo, questões raciais e levando também em consideração os elementos da fantasia presentes na narrativa, que se incluem como parte da hibridação cultural retratada no romance.

**Palavras-chave:** apartheid, colonialismo, *Gem Squash Tokoloshe*

### **Abstract**

The book *Gem Squash Tokoloshe* by the South-African writer Rachel Zadok presents a narrative that pass in the last decades of apartheid, more precisely during the State of Emergency declaration that happened because of many protests against the apartheid. The narrative happens in a country space and report matters about historical happenings of this period in middle of the child's imagination and fantasies. This article objective is trace a discussion about this book aspects that highlights matters like apartheid, the racial difference in the society during the period that the narrative happens and colonialism; considering the divers relationships between ethnic groups and the possible meeting places during segregation times. The analysis of the book is going to be done based in theories about colonialism, racial questions and also considering the fantasy elements in the narrative, that also is included in the cultural hybridism portrayed in the book.

**Key-words:** apartheid, colonialism, *Gem Squash Tokoloshe*.

## **1. INTRODUÇÃO**

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), bolsista pela Fundação CAPES.

No ano de 2005 foi publicado o livro *Gem Squash Tokoloshe* da escritora sul-africana Rachel Zadok. O livro foi publicado após a autora vencer o concurso *How to get published* organizado por *Richard & Judy's Executive Producer*, em que autores amadores, que ainda não tinham obras publicadas, foram convidados a enviar um primeiro capítulo e uma sinopse

de suas obras com a possibilidade de fechar um contrato com uma editora. Zadok foi uma entre os vencedores desse concurso, o que acabou dando prestígio à autora.

A narrativa se inicia em 1985, nos últimos momentos do apartheid, tendo como protagonista uma criança branca, imersa em suas fantasias míticas, acreditando em fadas e temendo o monstruoso Tokoloshe. A narrativa, a princípio, mostra as memórias infantis da protagonista/narradora Faith que vai se construindo perante o imaginário infantil. Na segunda parte da história ela é adulta e faz uma tentativa de retorno ao passado no seu local de infância.

A obra é centrada nos conflitos psicológicos da personagem diante de acontecimentos complexos durante sua infância como o abandono pelo pai e a doença mental da mãe o que faz com que ela não encontre outra explicação para os seus problemas se não o fato de que quando sua família invadiu aquelas terras despertou a fúria dos moradores locais e fez com que uma feiticeira enviasse um Tokoloshe, então as tragédias que lhe acontecem nada mais são que o resultado de uma maldição.

Em meio às fantasias infantis e os diálogos íntimos vai-se desvendando a história e mostrando o contato entre as etnias diferentes, o resultado do colonialismo e da hibridação cultural. A relação entre os dois grupos étnicos, ora de conflito ora de ajuda mútua, e os fatos históricos presentes na obra, tendo a África do Sul no período do fim do apartheid como o cenário da narrativa.

Diante dos dados apresentados como relevantes a cerca da obra o presente artigo tem como proposta discutir a obra enfatizando os aspectos do apartheid e outras questões raciais de grande importância ao longo da narrativa, enfatizando o contexto histórico sul-africano, visto que esse é o período histórico descrito na obra.

## **2. COLONIALISMO E QUESTÕES RACIAIS EM *GEM SQUASH TOKOLOSHE***

A obra *Gem Squash Tokoloshe*, de Rachel Zadok, tem como cenário o ambiente rural da África do Sul em meio à declaração do Estado de Emergência, na primeira parte da obra, enquanto na segunda parte na história a narrativa se passa, parte na cidade de Joanesburgo e parte do mesmo ambiente rural da primeira parte da história. A narrativa mostra os traços do colonialismo e a dominação eurocêntrica, desse período histórico e o resultado na miscigenação cultural na sociedade moderna. Miscigenação essa que se tornou possível devido a esse encontro.

Esse lugar de encontro Bhabha denomina de terceiro espaço, o que também pode

denominar o fruto desse cruzamento, já que o híbrido não pertence inteiramente a nenhum dos elementos que o formam. Ele está exatamente na fronteira entre os dois, é a linha onde os dois grupos se unem.

Mas para mim a importância da hibridação não é ser capaz de rastrear dois momentos originais de onde o terceiro emerge, em vez disso hibridação é para mim o ‘terceiro espaço’ no qual as outras posições emergem. Esse terceiro espaço desloca as histórias que o constitui, e cria novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas, que são inadequadamente compreendidas por meio da sabedoria recebida.  
(BHABHA, 1990, p. 211) <sup>2</sup>

Em *Gem Squash Tokoloshe* há esse ponto de encontro e de hibridação em meio aos últimos momentos do apartheid, encontro esse que ora se mostra como conflituoso e ora como harmônico. Os nativos ao mesmo tempo que resistem à dominação e lançam suas maldições na tentativa de expulsar os colonizadores também se unem e apresentam ajuda e cura, que faz pensar que apesar de todo esse conflito existente no período é possível que houvesse também um lugar de encontro, um terceiro espaço onde reside certa harmonia, fosse pela imaginação infantil, fosse pela possibilidade de encontrar cura para as doenças ou paz interior.

Na narrativa, a criança branca que fica abandonada após a loucura da mãe, acaba sendo criada pela babá, que fica responsável por toda a criação da criança e os serviços da fazenda e da casa. Porém a presença de Nomsa parece desagradar a mãe da menina e é vista como uma invasora, sendo que na verdade toda a família era a invasora daquelas terras, uma representação dos colonizadores em tempos de apartheid. Esse convívio com a babá também influencia na formação dessa identidade cultural híbrida.

Um fato que é preciso considerar na história, é que tanto a autora quanto a protagonista da obra são brancas, a voz e a posição que o autor exerce dentro da sociedade. Uma das principais críticas à obra é o fato de se retratar essa parte privilegiada da sociedade e não dar tanta ênfase às questões sociais ou a uma tentativa de modificar essa realidade de uma sociedade pós-apartheid. Ao mesmo tempo parece haver certa harmonia dentro da obra como se esse período tão conturbado fosse apenas um fator que não tivesse tanto peso ou tanta influência nos conflitos pessoais da protagonista, uma que o que desencadeia toda a tragédia

<sup>2</sup> . But to me the importance of hybridity is not be able to trace two original moments from which the third emerges, rather hybridity to me is the ‘third space’ which enables other positions to emerge. This third space displaces the histories that constitute it, and sets up new structures of authority, new political initiatives, which are inadequately understood through received wisdom (Livre tradução)

da obra é de caráter mais pessoal.

De fato ambas, autora e protagonista, não estão inseridas nessa realidade de sofrimento por discriminação racial. Talvez dotada da consciência de que a sua voz não poderia ser representativa para a luta por essa causa social se tenha feito essa escolha de se afastar de questões como essa, mas não isolar a cultura negra como se não fizesse parte daquela realidade ou rebaixá-la. Os negros exercem papéis essenciais na narrativa, os negros e a cultura africana são colocados como algo que lhe oferece cura e alívio, que os de sua etnia não conseguem.

A voz branca é sempre vista aos olhos da crítica como aquela que é incapaz de compreender a realidade e o sofrimento dos negros, mesmo quando os autores se colocam em favor da causa dos negros. A voz do oprimido é sempre colocada como inferior e para que um discurso a seu favor seja ouvido é preciso estar na voz de uma classe dominante, uma etnia dominante, um gênero dominante, quando temos essa situação de um autor branco tentando representar essa realidade do negro.

A escolha da protagonista branca pode ser interpretada como o reconhecimento da incapacidade de descrever o sofrimento desse grupo étnico durante esse período, além de colocar uma outra visão do acontecido, de uma criança que toma conhecimento dessa realidade pouco a pouco e que dessa forma pode fazer algo para tentar modificar essa realidade. Ao mesmo tempo em que parece não haver um compromisso social, ela se coloca nessa situação de reconhecimento social e de aceitação do outro. Ela não se cala simplesmente, ela acolhe e se permite ser acolhida.

Ao mesmo tempo que a obra se apresenta como mais intimista do que social ou que aos olhos da crítica apresenta uma família preocupada demais com seus problemas pessoais e financeiros para se importar com questões sociais como o apartheid, a obra mostra outra face do que se passava naquela época. Há alguns comentários de insatisfação e racismo por parte de alguns personagens brancos diante da luta por uma igualdade racial e ao mesmo tempo uma representação da cultura africana e a hibridação cultural resultante dos anos de colonização. A protagonista está inserida nesse contexto, inicialmente numa fase da sua vida em que ela não possuía idade o suficiente para compreender todas as questões sociais que a cercavam.

Segundo a cultura popular o Tokoloshe é uma mistura de demônio, vampiro e assombração que é invocado por uma feiticeira quando se deseja fazer o mal a alguém ou

conseguir vingança. Essa lenda é muito popular em Joanesburgo e nos arredores, onde a escritora Rachel Zadok nasceu. Lenda essa, tão incontestável que chega a ser destaque nas manchetes de jornais pelo país que descrevem os feitos maléficis do terrível monstro que ataca pessoas, estupra, mata, rouba a alma e toda e qualquer espécie de maldade que seja encomendada por quem o invocou.

A casa onde Faith mora durante sua infância representa o lugar da sua fantasia e da sua imaginação, na qual suas raízes ainda estão plantadas e onde ela tem esperança de encontrar o que se perdeu em seu passado. Porém desde o início a casa é cercada de histórias misteriosas e maldições, tal qual toda a atmosfera que a cerca durante a infância. O que apenas exercita ainda mais sua imaginação. O primeiro momento em que há uma referência ao local em que eles moram é quando uma das empregadas da fazenda conta a ela sobre o Tokoloshe, que ela afirmava viver naquelas propriedades assombrando a casa, até que fossem embora.

Mary me disse sobre o Tokoloshe no celeiro. Ela disse que uma feiticeira tinha enviado um Tokoloshe para viver conosco, para roubar nossas almas enquanto estivéssemos dormindo. Ela dizia que a terra em que morávamos não nos pertencia e a menos que nos mudássemos e abandonássemos a terra o Tokoloshe permaneceria. Ele viveria no nosso celeiro, comeria nossos vegetais e beberia nossa cerveja de gengibre.  
(Zadok, 2005. p. 20)<sup>3</sup>

Em plena época do apartheid o Tokoloshe, figura lendária da cultura Zulu, é visto como uma forma de revanche contra os invasores brancos. Essa não é a primeira menção ao Tokoloshe na obra, ainda no primeiro capítulo é mencionado um hábito comum entre aqueles que acreditam nessa figura lendária é colocar tijolos sob os pés da cama para que dessa forma o Tokoloshe não consiga pegá-los enquanto dormem, por ele ser de baixa estatura ele não conseguiria subir na cama e atacar a pessoa enquanto dormia.

Em se tratando da casa, uma questão racial importante a ser tratada, diz respeito aos moradores anteriores da propriedade. Tendo em vista que o início da narrativa ocorre durante os momentos finais do apartheid e à declaração do Estado de Emergência, o trecho que será narrado é uma história anterior, e embora a data não seja especificada, deduz-se que se trata de um dos momentos do auge do apartheid. A porta da frente da casa preserva a marca de

3 Mary told me about the Tokoloshe in cellar. She said a witchdoctor had sent a Tokoloshe to live with us, to steal our souls while we slept. She said that the land we lived on didn't belong to us, and unless we moved and gave the land back, the Tokoloshe would stay. It would live in our cellar, eat our vegetables and drink our ginger beer. (Livre Tradução)

duas balas nas quais Faith corre os dedos tentando imaginar o que se passava naquele lugar antes de irem morar ali. Então ela se lembra de uma história que ela ouviu seu pai contar.

Um dia eu ouvi por acaso o Papai contando ao Oom Piet que o fazendeiro que vivia ali anteriormente enlouqueceu no dia que sua esposa deu a luz ao seu primeiro filho, a criança tinha a pele tão escura que poderia muito bem ter sido um kaffir. O fazendeiro saiu num rompante, atirando nos funcionários antes de voltar a arma para sua esposa e depois, finalmente em si mesmo. O bebê foi o único sobrevivente. Papai disse que era grato ao bebê kaffir que ficou com a fazenda para nada. (ZADOK, 2005. p.44)<sup>4</sup>

Oom Piet é uma personagem retratada como alguém de caráter duvidoso e há uma certa desconfiança da protagonista e narradora a respeito dele, desde o início da narrativa. Ao ouvir essa narrativa ele comenta a respeito dessa história, com certo deboche. Por tratar-se de uma época anterior a que Faith está vivendo, em que ainda se está no período do apartheid, a época anterior era ainda mais rígida, restritiva e separatista. O nascimento de uma criança *colored* era a prova do crime de relações inter-raciais. Além do fato de que a esposa certamente seria punida por seu crime, ele passaria pela vergonha de que boatos sobre o ocorrido se espalhariam por toda a região. Sua suspeita era de que algum dos funcionários da fazenda teria cometido tal delito, um homem de posição subalterna e além do mais negro. Por não saber qual dos funcionários o teria feito, ou por temer que algum deles contasse sobre o ocorrido assassinou todos e por fim tirou a própria vida para não ter de pagar civilmente pelo crime, eliminando mais uma possibilidade de vergonha pública.

A personagem da babá que aparece para cuidar de Faith com o início da doença da mãe, Nomsa, também tem uma importante contribuição ao tratar as questões raciais dentro da obra. Embora sua participação na obra seja breve, é um marco imprescindível para a trama narrativa. Ela é uma moça negra e jovem que aparece para tomar conta da criança e de todos os trabalhos da fazenda e da casa e é trazida por uma das amigas da mãe. Num primeiro contato a criança a vê como uma convidada e oferece o próprio quarto para que ela durma, até que então Nomsa encontra um lugar para dormir num espaço para os empregados. A relação com a criança, entretanto está num meio termo entre amizade e trabalho.

Como Nomsa fica responsável por todo o trabalho que antes era da mãe de Faith e

4 I'd once overheard papa telling Oom Piet that previous farmer had gone mad on the day his wife gave birth to their first child, a child so dark it might well have been a kaffir. The farmer had gone on a rampage, shooting all this labourers before turning the gun oh his wife ans then, finally, himself. The baby was the sole survivor. Papa said it was thanks to the kaffir baby that he got the farm for the next to nothing. (Livre Tradução)

decide ir juntamente com a menina vender os vegetais no mercado. Quando antes era Bella que estava naquele lugar expondo os vegetais para a venda todos a tratavam com simpatia e rapidamente todos os vegetais eram vendidos, assim como os seus trabalhos de pintura. No entanto quando a jovem negra decide fazer esse trabalho, expondo os vegetais para a venda, o tratamento é bem diferente. Todos passam por ela como se não a vissem, como se ela fosse invisível. Ninguém queria comprar vegetais e eles ficam expostos até que os tomates começam a apodrecer sob o sol escaldante sem que nenhum fosse vendido e a criança observa a tudo, notando o peso que a raça exerce naquele contexto.

Nomsa é assassinada e Bella é acusada pelo crime. A condenação a afasta da filha, pois Faith vai morar com outra família em Joanesburgo. A doença mental e o fato de ela ter assassinado a única pessoa com quem ela ainda tinha alguma relação positiva na época e a partir desse momento Faith tenta se afastar de tudo o que diz respeito à mãe e que a mantém ligada a ela. Até, na segunda parte da história receber a notícia de sua morte durante uma festa de ano novo, na passagem do ano de 1999 para 2000. Ao receber a notícia da morte da mãe ela precisa providenciar o velório e isso acaba despertando sua vontade de retorno às origens e procurar respostas às perguntas não respondidas.

Na tentativa de retornar à casa onde cresceu, a protagonista encontra Mrs. Mabutu que tenta fazer uma limpeza espiritual na casa. Faith se ofende quando ela diz que sua mãe, Bella, coletava os espíritos que trouxeram a doença para aquela casa, possivelmente porque Faith associou essa fala com a crença pagã da mãe e achou os comentários desrespeitosos. Ela paga o valor estipulado pela consulta e a manda embora. “Você não pode construir um novo lar para si enquanto seu espírito está enterrado em outro lugar. Se você não retornar e libertar seu espírito ele fará com que você fique doente. Você já está.” (ZADOK, 2005,p. 231).<sup>5</sup>

Por fim, apesar de achar que o ritual não havia funcionado Faith acaba por descobrir a verdade do que se passou na noite do assassinato de Nomsa. Oom Piet a assassinou e não sua mãe, a verdade aparece como, a partir desse momento ela consegue prosseguir com a sua vida. A cura espiritual vem por meio dos negros e é justamente onde ela encontra consolo e consegue livrar-se dos fantasmas do passado para finalmente conseguir construir o novo lar, como assim sugere MRS. Mabutu.

5 You cannot make a new home for yourself while your spirit is burried elsewhere. If you don't return home to free your spirit, you will get sick. You already are.



### 3. HISTÓRIA SUL-AFRICANA E APARTHEID

Com o início da exploração marítima iniciada no século XV foi possível o conhecimento de novos continentes e das suas possibilidades de enriquecimento da Europa. A consequência foi o impacto visível dessa exploração em diversas regiões, no continente africano especialmente, onde os navios eram abastecidos de mão de obra escrava e a terra era explorada em busca de minerais preciosos para os centros urbanos europeus e que virou alvo de disputa entre países da Europa ao longo de séculos. O contato da África com essas culturas diversas contribuiu para tornar sua própria cultura ainda mais heterogênea e diversificada e fortalecer-se culturalmente mesmo em meio a dor. O continente é tão rico culturalmente e tão diverso que é um erro tratá-lo como um bloco homogêneo.

Não sendo o bastante a intensa exploração e degradação do continente africano, lhes foi tirado o direito sobre a própria terra durante o apartheid. A África do Sul sentiu os impactos desse triste período ainda mais fortemente. Apesar dos negros serem uma maioria numérica, os brancos tinham a posse de 87% das terras, maior poder econômico e social, ocupavam a maior parte das vagas em escolas e universidades e livre acesso a maior parte do país. Nascer negro no período do apartheid significava ser isento de qualquer oportunidade. Permaneceu dessa forma até manifestações e protestos no século XX e o fim desse período sombrio só se deu em 1990. O fim da escravidão no mundo Ocidental não resolveu a desigualdade racial que permanece até os dias atuais.

A Literatura Africana surge com o intuito de fazer com que o restante do mundo enxergue essa realidade. De dar voz aos que não são ouvidos e poder representar sua história e sua realidade e mostrar ao mundo. Ao longo da História a África foi vista como um ambiente hostil e primitivo, os que se encontravam ali eram seres sem alma que se podia escravizar, ou inimigos em potencial que deveriam ser temidos e combatidos, pois eram selvagens e cruéis. O processo colonial tentou tornar os nativos invisíveis enquanto sujeitos, lhes tirando as características que os definiam como membros pertencentes a tribos diferentes e toda a individualidade, tudo o que lhe fosse sagrado, despersonalizando totalmente esse nativo.

Toda a História da África de exploração, colonialismo e segregação manifesta nas artes e em especial na literatura os traços de hibridação e de uma cultura heterogênea que faz com que a crítica divida os autores pelas suas devidas etnias, pois a literatura produzida por

brancos e negros representam realidades diferentes correspondentes à realidade vivida por cada etnia. Bandeira (2008, p. 19) comenta “A crescente valorização das tradições africanas, somada ao momento histórico vivido atualmente no continente – com várias nações pós-independência – colabora com e reforça, a nosso ver, a separação entre as literaturas produzidas por negros e aquelas produzidas pelos brancos.”, podemos acrescentar a isso também o fato de que os brancos nascidos na África ainda possuem mais oportunidades e privilégios que os nativos negros, incluindo até mesmo o fator linguístico, uma vez que a maior parte da literatura produzida na África é escrita na língua dos colonizadores, apesar da literatura escrita no idioma dos nativos americanos ser de grande circulação dentro do país a literatura que se torna popular é a que é escrita do idioma dos colonizadores.

A literatura africana permanece sendo vista sob os olhos do eurocentrismo, assim como toda a arte produzida em países colonizados, como um filtro do que deve ou não fazer parte da literatura a ser divulgada pelo mundo. Quando tratamos de literatura africana, especificamente lidamos com uma divisão entre autores brancos e negros. Essa divisão não limita às questões de raça, mas trata de questões ligadas à vivência de uma realidade diferente, que muitas vezes são determinadas pelo fator racial e social. De todo modo, ambas passam pelo filtro da crítica branca e ocidental.

Numa realidade em que os brancos são historicamente privilegiados nessa sociedade na qual o fim do apartheid não corrigiu a imensa dívida histórica com a África que causa tanta miséria e desigualdade ainda nos dias de hoje e uma realidade construída e fantasiada assim como descreve Edward Said com o seu Orientalismo. A África faz parte do imaginário Europeu como o lugar que não tem nada a oferecer a não ser a miséria ou o ambiente de uma cultura estranha e sombria.

O oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma das suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastante. (SAID, 2015 P. 27-28)

A África subsaariana, assim como o Oriente Médio descrito por Said, é reinventada por esse imaginário europeu e impedida de possuir sua própria identidade. Na visão eurocêntrica a África é apenas um lugar, uma paisagem de miséria e tragédia onde parece não haver vida ou onde as vidas que estão lá não importassem, quando na verdade esse cenário

existe devido à imensa dívida histórica que se tem com esse continente. “(...) o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente *ali*, assim como o próprio Ocidente tampouco está apenas *ali*.” (SAID, 2015, p. 31). A África, assim como todo o hemisfério oriental precisa ser visto, não apenas pela perspectiva europeia, mas como um lugar digno de uma identidade própria. Enquanto o Oriente luta pela sua identidade, todo o Ocidente sempre foi digno dela.

A literatura, e as artes como um todo, aparecem como essa tentativa de dar voz ao povo africano, para que não se tenha uma única perspectiva, para que não se ouça apenas uma versão da história, que nesse caso é a voz do povo que colonizou e escravizou. A literatura humaniza a África aos olhos do Ocidente e faz com que eles abram os olhos para essa realidade que eles insistem em não enxergar e possibilita mostrá-la, não apenas como uma invenção, não apenas como o imaginário trágico.

Os romances contemporâneos refletem a realidade do seu continente, de guerras e violência manifestada de diversas formas, além de expressar as consequências e as manifestações do colonialismo e a hibridação de culturas. Um local que foi alvo de tanta exploração e degradação ao longo desses anos manifesta o retrato dessa destruição em sua arte. Ao mesmo tempo a sua rica cultura, as suas crenças e os seus mitos aparecem como uma preciosidade na história que nenhuma ferida conseguia dissipar. Um autor branco não possui a devida autoridade para representar a dor e a realidade da África do Sul, uma vez que ela está no lugar desse colonizador e nunca do colonizado.

A raça representou e ainda representa um fator de determinação de lugares sociais é marcante na literatura africana, especialmente enfatizando os conflitos e as representações sociais. Os romances contemporâneos não ignoram toda a história e o sofrimento do seu povo, ainda alvo de um constante massacre social e racial tão forte. A literatura africana, especialmente a contemporânea, tem uma preocupação constante em estar engajada numa luta social e numa representação de toda essa terrível realidade vivida em seu continente e forçando a sociedade a enxergar aquilo que insiste em não ver.

A violência é um assunto frequente na maioria das obras, como um retrato de toda a realidade vivenciada, como se não houvesse outra alternativa aos artistas a não ser representar o horror ao seu redor e isso lhes tirasse o direito de escrever sobre os demais temas da existência humana. O autor inventa a realidade ao seu próprio modo e ao mesmo tempo em que ele faz uso de diversos elementos para construir sua narrativa ele não deixa de exprimir

sua realidade, sua crença e seus humores, de forma tal que para compreender a arte, diversas vezes, é preciso entender o contexto no qual ela foi criada, mas de todo modo a realidade expressa pela arte ainda é superior para a sua compreensão do que a realidade na qual ela foi reproduzida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Gem Squash Tokoloshe* apresenta uma narrativa em que, por meio da voz infantil na primeira parte do romance, revela-se em meio às fantasias e a imaginação infantil, revela sobre o terror do apartheid, assim como o colonialismo e com ele a dominação e a influência europeia; e como resultado disso a hibridação cultural e um lugar de encontro em meio à segregação. O romance não se propõe a fazer uma literatura engajada, levantando uma bandeira sobre algum tema, porém, mesmo não havendo esse engajamento há essa preocupação em retratar uma realidade social de forma respeitosa.

As questões raciais e o colonialismo na obra são retratados como um pano de fundo para a história da protagonista, ainda assim possuem uma importância que não pode ser ignorada. Inicialmente num espaço fantasioso e posteriormente na busca pela cura dos traumas da infância e uma tentativa de compreensão e retorno ao passado. As culturas vão se mesclando e se hibridando na construção da identidade da protagonista durante o seu desenvolvimento pessoal e na sua tentativa de cura espiritual. Ao mesmo tempo em que a protagonista fala de si e narra os acontecimentos da sua vida ela mostra o contexto histórico e o espírito dessa época, num ambiente rural, afastado dos grandes conflitos do apartheid.

Diante disso percebe-se que é possível destacar as questões concernentes ao apartheid e aos discursos raciais dentro da narrativa, levando em consideração esse intercâmbio cultural retratado no livro por meio da fantasia infantil e da convivência entre personagens de etnias diferentes, construindo uma nova identidade cultural e rompendo com as barreiras do apartheid, enquanto também é possível traçar uma perspectiva histórica na obra que nos revela traços desse período histórico.

#### 5. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Marília Fátima. **Representações da violência em *Disgrace* e *Waiting for the Barbarians* de J.M. Coetzee**. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

BHABHA, H. The third space (entrevista). In.: **Identity, community, culture, difference**. Ed. Jonathan Rutherford. London: Lawrence & Wishart, 1990.

SAID, Edward W. *Introdução*. In: **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, pp. 27-60.

ZADOK, Rachel. **Gem Squash Tokoloshe**. Pan Books. London. 2005